



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

VELBIANE LUZIA DA SILVA CHAVES

**MARIANA, NARRADORA DE SI: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA POSSÍVEL
AUTORIA FEMININA NO ROMANCE EPISTOLAR *CARTAS PORTUGUESAS*
(1669)**

**GUARABIRA
2017**

VELBIANE LUZIA DA SILVA CHAVES

**MARIANA, NARRADORA DE SI: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA AUTORIA
FEMININA NO ROMANCE EPISTOLAR *CARTAS PORTUGUESAS* (1669)**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura plena em História.
Área de concentração: História.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C512m Chaves, Velbiane Luzia Da Silva
Mariana, narradora de si [manuscrito] : considerações acerca da possível autoria feminina no romance epistolar Cartas Portuguesas (1669) / Velbiane Luzia da Silva Chaves. - 2017.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de História".

1. Gênero. 2. Epístolas. 3. Autoria Feminina. 4. Leitura. I.
Título.

21. ed. CDD 869.09

VELBIANE LUZIA DA SILVA CHAVES

Mariana, narradora de si: considerações acerca da possível autoria feminina no romance epistolar *Cartas Portuguesas* (1669)

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Licenciatura plena em História.

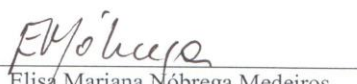
Área de concentração: História.

Aprovada em: 11/04/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Naiara Ferraz Bandeira Alves
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Elisa Mariana Nóbrega Medeiros
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha bisavó, Luzia (*in memoriam*), pela educação,
amor e humildade que me foi concedida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente ao meu cordial orientador, prof^o Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, que teve tanto afeto, atenção e compreensão para comigo. Professor e amigo que se tornou, acreditou em minha capacidade e me impulsionou a não desistir da academia. Obrigada pela paciência, dedicação, sugestão de leituras e orientação.

Agradeço as professoras da UEPB, em especial, Elisa Mariana, Edna Nóbrega, Izandra Falcão, Giovanna Barroca, Susel Oliveira, Naiara Ferraz, Michelly Cordão, Alômia Abrantes, Marisa Tayra, Ivonildes Fonseca, que através dos debates em sala de aula e conversas pelos corredores da universidade, contribuíram para minha formação profissional e pessoal.

Agradeço a Veridiana, minha amada mãe, que sempre depositou esperanças em mim. Mesmo diante das dificuldades nunca se opôs aos meus estudos; do contrário, sacrificou-se para que não me fossem retirados. Obrigada. Agradeço a minha querida vó, Vera, que sempre foi tão atenciosa e confiante a mim. Obrigada, mainha. Agradeço ao meu avô, José (*in memoriam*); você foi meu pai e amigo, mesmo que por tão pouco tempo, mas soube cuidar de mim.

Agradeço as minhas belas irmãs, Láysa e Vanessa, que sempre apoiaram as minhas escolhas e sempre me encorajam a persistir. Encontro em vocês abrigo, aconchego e amor.

Agradeço aos meus fiéis amigos que sempre tiveram cuidado e carinho comigo, permaneceram ao meu lado nas adversidades e alegrias da vida; com vocês vivenciei a cumplicidade, Alaine, Júnior e Daniele; esta última sempre me encorajou a não desistir, ensinou-me a olhar sempre o lado bom das coisas. Sem você este trabalho não seria possível. A sua importância em minha vida é incomensurável.

Agradeço a Monic, companheira das horas e dos dias, correspondente dos afetos e das cartas. Obrigada pelas palavras de carinho, conforto e incentivo.

Agradeço aos/as colegas da UEPB, Rafaela, Katiane, Sandra, Anyeli, Amanda, Válber, Isabel, Nayara, France, Railson e Edson. Compartilhamos diversos instantes de diálogos e troca de afetos. Obrigada por participarem desse momento da minha vida.

Agradeço a Luzia e Adriano (*in memoriam*), mãe e filho, minha bisã e meu tio. A eles devo minha dedicação, meus estudos; tudo que me tornei devo, em especial, aos dois. Mãe Luzia, por pouco a senhora não me viu formar, mas sei que estará lá ao meu lado recebendo o diploma. Obrigada por terem preenchido a minha vida de amor e respeito. Obrigada.

*“Cartas de amor são escritas não para dar notícias, não para contar nada,
mas para que mãos separadas se toquem ao tocarem a mesma folha de
papel.”*
(Rubem Alves)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. O MUNDO MODERNO E O ROMANCE EPISTOLAR	9
2.1. MEU AMANTE, MEU SAGRADO.....	16
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	21

**MARIANA, NARRADORA DE SI: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA POSSÍVEL
AUTORIA FEMININA NO ROMANCE EPISTOLAR *CARTAS PORTUGUESAS*
(1669)**

Velbiane Luzia da Silva Chaves¹

RESUMO: Este trabalho pretende discutir a partir do romance epistolar *Cartas Portuguesas* (1669) a questão da autoria feminina numa abordagem com a teoria de gênero. Para tanto, recorreremos à hipótese de ser a freira portuguesa Mariana Alcoforado a autora das missivas. As cinco cartas de amor, compiladas e publicadas em francês, pela primeira vez no século XVII, e traduzidas para o português no século XIX demonstram o percurso entre idiomas e nações de tais escritos. Nossa abordagem consiste na perspectiva de analisar a condição de Mariana - personagem narradora - tornar-se um empecilho para aceitação do lugar de autoria de Mariana Alcoforado. Observando o contexto histórico-cultural que corresponde ao século XVII, discutiremos o gênero epistolar e seus encontros na circularidade cultural de Portugal, assim como investigaremos a prática de leitura no período compreendido como idade moderna. Utilizaremos como aporte teórico Barthes (2004); Cordeiro (1890); Darnton (1990); Lima (2014); (SWAIN, 2009).

Palavras-chave: Gênero. Epístolas. Autoria Feminina. Leitura.

ABSTRACT: This work intends to discuss the epistolary novel Letters Portuguese (1669) the issue of female authorship in an approach with the theory of gender. To do so, we turn to the Portuguese nun Mariana Alcoforado hypothetical author of missives. The five letters of love, compiled and published in French, for the first time in the seventeenth century, and translated into Portuguese in the nineteenth century, demonstrate the course between languages and nations of such writings. Our approach is to analyze the condition of Mariana - Narrative character - to become a hindrance to the acceptance of the place of authorship of Mariana Alcoforado. Observing the historical-cultural context that corresponds to the seventeenth century, we will discuss the epistolary genre and its encounters in the cultural circularity of Portugal, as well as investigating the practice of reading in the period competed as a modern age. We will use as a theoretical contribution Barthes (2004); Lamb (1890); Darnton (1990); Lima (2014); (SWAIN, 2009)

Keywords: Gender. Epistles. Authorship Female. Reading.

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura plena História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: velbiane@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Nas páginas que se seguem será analisado o romance epistolar *Lettres Portugaises*, o qual a partir do século XIX será traduzido para o português como *Cartas Portuguesas* (doravante CP) título recorrente nas diversas reedições da obra. Publicadas originalmente em 1669 em Paris durante o período compreendido como Barroco, observando o contexto histórico-cultural que corresponde ao século XVII, apresentaremos sucintamente o gênero epistolar e seus encontros na circularidade² cultural com base na abordagem do historiador italiano Carlo Ginzburg acerca do tema.

Para refletir sobre as CP optamos por um olhar mais direcionado no intuito de observar alguns pormenores em oposição aos trabalhos de “volta ao mundo”, ou seja, obliteramos a ideia de linearidade do tempo histórico como referente perfazendo uma cronologia da história das cartas e da história epistolográfica, uma vez que não se esgotam trabalhos que desvelam sobre esse assunto, como, por exemplo, observamos em Rocha (1985); Valentim (2006); Paradinha (2006); Klobucka (2006) para citar algumas das produções que optam por tais abordagens com muita propriedade e profundidade. Nosso problema consiste em perceber que a polêmica da autoria acerca das CP também se dá por uma questão que consideramos pertinente, mesmo que tenha uma escala reduzida, muito embora em primeira leitura possa passar como um fragmento despercebido, mas é a partir de uma ótica mais detalhada que captamos o problema de gênero; aqui, entendemos gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). No que diz respeito a essa discussão, nossa base teórica será Norma Telles (2009); Tania Swain (2009); Virgínia Wolf (2014).

Para compreendermos a discussão sobre a autoria da obra CP dialogaremos com autores como Barthes (2004), Burke (2012), Cordeiro (1890), Darnton (1990), Lima (2014), dentre outros pensadores que servirão como base na composição deste trabalho. Cada um desses pensadores contribui para a sistematização e desenvolvimento do nosso trabalho, seja tecendo sobre prática de leitura, história do livro ou autoria.

² Referenciamos o que Ginzburg denomina como “Circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo [...]” (GINZBURG, 2006, p. 10)

Nossa metodologia consiste em revisão bibliográfica, a qual, conforme assinala Lima (2007) é entendida como método para fundamentar o objeto de estudo pretendido, dado a aquisição de dados selecionados para tal. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica, além de servir como base para outros estudiosos que buscam sobre o tema, institui procedimentos para compreensão das propostas teóricas pelo(a) pesquisador(a).

O objetivo deste trabalho é a discussão sobre a autoria como uma questão relacionada à questão de gênero. Sabemos que no período da circulação das Cartas é um tempo histórico marcado por um sistema de patriarcado, sob a dominação masculina (BORDIEU, 2010). Logo, as configurações imaginárias, as redes de poder, as articulações e o alarido dos silêncios da história não podem passar despercebidas (SWAIN, 2009).

Entende-se que é preciso refletir sobre o que quer (ou não) ser esquecido. A questão de gênero, sobretudo, é a pauta que se estimula o jogo do lembrar e esquecer. É bastante contestada a possibilidade de Mariana Alcoforado enquanto autora das CP, muito embora existam traduções que sejam atribuídas à autoria de Mariana Alcoforado, como, por exemplo, a tradução que utilizamos como base deste trabalho: *Cartas Portuguesas: Mariana Alcoforado* (1997), tradução da L&PM que não possui o nome do/da tradutor/a. Nossa intenção é refletir sobre questões que são relegadas, mas que aqui possuem uma dimensão indelével. Nosso desejo é produzir mais um trabalho de resistência.

Somos acostumados(as) a narrar a história do masculino, seja ela dos heróis, seja ela dos grandes nomes; todavia este trabalho possui outra intenção: ir para as minúcias, para aqueles e aquelas que ficam às margens, por exemplo, as mulheres, especificamente a recusa de creditar Mariana Alcoforado como autora. Apresentaremos um breve perfil biográfico da mesma relacionando-a com o momento de impressão e circulação do romance.

2. O MUNDO MODERNO E O ROMANCE EPISTOLAR

No que concerne ao romance epistolar compreendemos como uma forma de ficcionalização autobiográfica, onde se evidencia a questão da representação do sujeito para os seus leitores (VALENTIM, 2006). Claudia Valentim (2006), estudiosa do romance epistolar na literatura portuguesa, traça um percurso da história do romance desde a Antiguidade Clássica, onde era considerado um gênero menor, aos séculos XX-XXI, onde o

romance é um gênero dominante. Interessa-nos aqui as relações do romance no século XVII³, no qual a Literatura Portuguesa tem um vínculo profundo com as cartas, podemos citar autores que utilizaram o gênero epistolar, a exemplos de: Padre Antônio Vieira, D. Francisco Manuel de Melo, Padre Manuel Bernardes entre outros. As CP, de Mariana Alcoforado, são conhecidas como o primeiro romance epistolar. É importante frisar que a autora considera as CP como simulacros: utilizados para a imitação de realidade na obra literária. Ou seja, as cartas compõem um acessório para a narrativa.

Nesse sentido, consideramos relevante esclarecer que ao longo do texto, por diversos instantes, nos referimos a Mariana como personagem narradora; autodiegética, pois “Quem narra os acontecimentos é o próprio signatário da carta, transpondo para o papel aquilo que lhe acontece, o que ele pensa e sente” (VALENTIM, 2006, p. 38)

Mariana Alcoforado, ou Alcoforada, pois em alguns registros o sobrenome era escrito no feminino, nasceu em 22 de Abril de 1640 na cidade de Beja, em Portugal, com registro de morte em 22 de Julho de 1723. Entrou para o Convento Nossa Senhora da Conceição aos 12 anos de idade. Por volta de 1660 teria vivido uma intensa paixão por um oficial francês, que seria reconhecido ainda no século XVII, o Sr. Cavalheiro de Chamilly, que servia em terras portuguesas durante a Guerra da Restauração⁴. Vale ressaltar que não há fontes suficientes sobre o possível envolvimento entre Mariana Alcoforado e o oficial francês.

A história das CP começa quando o texto é publicado pela primeira vez em 1669, em Paris, numa edição francesa. A edição de 1669 marca as cartas pelo mistério da autoria; apenas em 1810 o periódico francês *Journal de L'Empire* publica a descoberta, pelo escritor francês Boissonade, de um exemplar das CP, onde diz que quem as escreveu foi Mariana Alcoforado. Conforme Peixinho (2013, p. 1) “Antes de mais, trata-se de um texto anônimo, cuja autoria nunca foi verdadeiramente atribuída, pesem embora as inúmeras investigações a que deu origem, pelo menos desde o século XIX”.

Em ambas as teorias, alcoforistas e não-alcoforistas (LIMA, 2014), conforme apresentaremos mais adiante, não se podem provar um(a) verdadeiro(a) autor(a), ou mesmo negar com veemência, pois ambos elaboram suas teses por convicções a partir de estudos sistematizados. Todavia os créditos de autenticidade permanecem no domínio do mistério. Conforme Lima (2014):

³ Neste período, segundo Valentim (2006), a carta é uma técnica narrativa e se solidifica durante o século XVIII.

⁴ A Guerra da Restauração entende-se pelo conflito entre Portugal e Espanha durante o período de 1640 e 1668. A guerra teve como objetivo a independência de Portugal que desde 1580 estava sob domínio espanhol.

Temos objeções a tais implicações. A primeira é a forma com que se chegou ao nome, o fato de ter havido uma Mariana Alcoforado não sustenta que tenha sido a autora das cartas, tenha conhecido Chamilly, que se torna alvo de desconfiança pela falta de caráter em divulgar cartas de foro privado. Até o momento não existem documentação que ambos tenham tido qualquer envolvimento ou sequer tenham sido apresentados. (p. 123)

Aqui o autor tece uma crítica ao trabalho de Ferreira (2002) que recorre à obra de Manuel Ribeiro intitulada “Vida e morte de Madre Mariana Alcoforado” para alegar que os fatos históricos sobre a existência da freira Mariana Alcoforado no Mosteiro da Conceição em Beja são incontestáveis. O primeiro apresenta argumentos que não comprovam o relacionamento entre Mariana Alcoforado e Chamilly, provocando mais um estorvo na história que envolve as CP, enquanto o segundo estabelece resistência em acreditar em Mariana Alcoforado enquanto autora.

No momento da publicação das cartas é mais recorrente a prática de leitura e não a de escrita, pois, segundo Lima (2014, p. 61-62) “a temática cotidiana, mulheres lendo cartas, sintomática do ponto de vista da pesquisa, ao apresentar o letramento feminino, que nesse período priorizava a leitura e não a escrita.” Neste cenário, Roger Chartier (1991) circunscreve sobre as taxas de assinaturas (alfabetização) na Europa entre os séculos XVI e XVIII, vejamos:

Na Escócia, as assinaturas recolhidas para o *National Covenant* [...] levam a inferir uma taxa de alfabetização masculina de 25%. Cem anos depois, na década de 1750, as porcentagens de assinaturas das testemunhas citadas [...] são de 78% para os homens e de 23% para as mulheres - o que permite falar em taxas nacionais de 65% e 15%, [...] Na Inglaterra, em 1644[...] indicam uma taxa de 30% de alfabetizados entre os homens. [...] Na segunda metade do século XVIII [...] atestam os progressos da escrita: 60% dos homens assinam em 1755 como em 1790, enquanto entre as mulheres a porcentagem é de 35% em 1755 e de 40% em 1790. (p. 114-115)

É importante ressaltar que não nos cabe aqui analisar o crescente número de taxas no que diz respeito à escrita entre os séculos XVI e XVIII, porém, cabe perceber que os números comprovam que uma pequena parcela da população - os mais abastados financeiramente e em sua maioria homens - tem o hábito de leitura e que poucos(as) sabem assinar o nome, ou seja, não sabem escrever, já que nem sempre aqueles(as) que assinam o nome possuem a prática da escrita. Considera-se também o fato de nas pesquisas apresentadas em determinados países da Europa os índices não aparecem em Portugal, todavia o autor afirma que praticamente vale para todos os países europeus (CHARTIER, 1991).

Outra concepção sobre a circulação de epístolas ocorre pela análise de Carlos Adriano Ferreira (2014), o autor apresenta através de imagens do pintor Neerlandês, Vermeer, a prática de leitura de epístolas por parte do feminino, o que é relevante para a constatação de

que nesse momento - século XVII - o circuito de epístolas é recorrente. O autor comenta: “As pinturas são anteriores ao livro *Lettres Portugaises* e as relações que estabelecemos entre ambas decorre da relação da sociedade europeia com as práticas de leitura e escrita epistolar.” (LIMA, 2014, p. 63), nas pinturas escolhidas temos duas personagens femininas na prática de leitura individual.

Através dessa leitura, utilizamos a análise do autor através das pinturas porque “apresenta cenas do cotidiano que nos permitem conhecer melhor aquele momento da história da Europa em que foram publicadas e distribuídas as cartas.” (LIMA, 2014, p. 61) Tais considerações propiciam a difusão de ideias que comprovam a circulação de cartas no período em que foram publicadas as CP, bem como suscitam maiores indagações sobre a questão de autoria. Para reforçar essa ideia Luciano Cordeiro (1890), autor que contribui de forma marcante para a fortuna crítica acerca de Mariana Alcoforado enquanto autora comenta:

Sem nos demorarmos agora em lembrar o intenso e absorvente predominio que attingira na sociedade pollida e litterata do século xvii,—particularmente em França, mas não só n'este paiz, como geralmente se pensa,—a moda e a litteratura epistolar, observaremos, que era então, e foi por muito tempo ainda, vulgar e corrente o costume de extrahir e fazer circular nos círculos do convívio cortesão e intellectual copias de correspondência intima ou de producções destinadas á publicidade. (p. 14)

Ainda sobre a prática de leitura, vejamos o que Darton (1990, p. 87), em referência a Ginzburg sobre circularidade cultural, pronuncia sobre Menochio, um moleiro do norte da Itália, queimado por ordem do Santo Ofício no final do século XVI por afirmar que o mundo tinha origem na putrefação. Atentemos: “Se se pode remontar essa concepção a uma antiga tradição popular, como alega Ginzburg, é uma questão discutível, mas ele certamente demonstrou que é possível estudar a leitura como uma atividade entre as pessoas simples de quatro séculos atrás.” Se pensarmos a partir da perspectiva que pessoas simples, como o caso de Menochio, simples moleiro que, de acordo com suas ideias possuía uma grande carga de leitura, pode-se analisar a situação de Mariana - já que seu pai era um homem de grande fortuna -, dispondo do pensamento de Ferreira (2002, p. 49), nos diz que ela “Entre as educandas, [...] se sobressaía pela esperteza e logo aprendeu a ler e escrever, o que fez com que D. Maria a levasse para auxiliar a escritã do convento”. Apesar de Mariana Alcoforado ser uma mulher, o que torna mais difícil seu acesso à escrita no período, diferentemente do moleiro Menochio a freira vinha de uma família abastada e, por sua função no convento assim como documentos escritos e assinados pela mesma, de acordo com Ferreira (idem) que é um defensor da teoria *alcoforista*: “aqueles que defendem a autoria das epístolas como obras da

freira portuguesa Mariana Alcoforado” (LIMA, 2014, p. 60) Nesse contexto, percebemos a dualidade de ideias que circunscreve o mistério da autoria, de acordo com Chartier (1991) e Lima (2014), a prática de escrita não é comum durante o século XVII, o que nos leva a refletir sobre as dificuldades que levam a acreditar em Mariana Alcoforado enquanto autora.

Para contextualizar e assimilar a cultura de ler e escrever na Idade Moderna, a historiadora Norma Teles⁵, apesar de não ser especificamente uma estudiosa do romance epistolar nem da historiografia de Portugal, é bastante contribuinte para a história da escrita das mulheres. Telles (2010) comenta:

É preciso ressaltar o papel fundamental desempenhado pelos produtos culturais, em particular o romance, na cristalização da sociedade moderna. Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funciona como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis e até sentimentos esperados em determinadas situações. (p. 402)

É possível analisar como a leitura e a escrita esteve associada ao poder, tanto no domínio financeiro como no masculino, portanto, não se pode esquecer que durante o século XVII a educação feminina é restrita, pois a elas “é negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação.” (TELLES, 2010, p. 403). Neste cenário, os códigos que constituem o distanciamento das mulheres com a vida política, literária e pública demonstram que não parte de um dado natural, mas de uma construção sócio histórica.

Virginia Woolf, em sua obra intitulada *Um teto todo seu*, percebe que uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção. No que concerne a esse cenário, é analisado as relações de poder não só no que diz respeito ao gênero/sexo, como também financeiramente. Durante o século XVII, a escrita está estreitamente correlacionada à atividade econômica e a condição social dos diferentes grupos (CHARTIER, 1991), ou seja, nessa sociedade apresentada não cabe ao feminino escrever ficção nem dar publicidade a mesma, pois o contexto sócio histórico configura, atualiza e demarca a divisão de papéis dentro de uma sociedade.

Lima (2014, p. 101) nos traz uma reflexão acerca da questão: “A história das cartas sempre foi uma história do masculino, quem é o amante, o tradutor, o autor, a personagem narradora sempre esteve em segundo plano. Passa então a ser conhecida como Mariana Alcoforado.” As questões sobre exclusão, dominação e subestimação se dão “a partir do momento em que o princípio masculino é tomado como medida de todas as coisas”

⁵ Historiadora, doutora em ciências sociais, é estudiosa das humanidades, escritora e tradutora. Professora Assistente Doutor da Puc-SP entre 1978-2006. Disponível em: <http://www.normatelles.com.br/>

(BOURDIEU, ano, p. 23) Se um contexto social dá voz a uma classe e a outra não ou cria uma relação de *estabelechiment* e *outsiders* (ELIAS, 2000). Isso reproduz um discurso de naturalização, como, por exemplo, ocorre na escrita de Rousseau. Luciano Cordeiro (1890) nos apresenta o recorte de uma epístola que Rousseau escreveu à D'Alembert sobre o papel da mulher na sociedade, vejamos:

As mulheres, em geral, não amam arte alguma, com nenhuma se entendem, e nenhum génio teem. Podem vencer nas pequenas obras que só exigem leveza de espirito, gosto, certa graça, ás vezes até alguma philosophia e algum raciocínio. Podem adquirir sciencia, erudição, talentos e tudo que se adquire á força de trabalho. Mas este fogo celeste que abraza e enleia a alma, este génio que consome e devora, esta eloquência ardente, estes transportes sublimes que levam os seus enlevos ao fundo dos corações, faltarão sempre nos escriptos de mulheres. São todos frios e bonitos como ellas; terão o espirito que quizerdes: alma é que nunca. Serão cem vezes mais razoáveis do que apaixonados. **As mulheres não sabem** nem descrever nem sentir o verdadeiro amor. A Sapho, apenas, que eu saiba, e uma outra, mereceriam ser exceptuadas. Apostaria quanto há no mundo em como as Cartas portuguezas foram escriptas por um homem. Ora, em toda a parte onde as mulheres dominam, o seu gosto deve dominar também, e ahí está o que determine o do nosso século. (p. 38) [grifo nosso]

Ressaltando sua fala “**as mulheres não sabem** nem descrever nem sentir o verdadeiro amor”, nela podemos constatar detalhes minuciosos que se estabelecem relações de poder. Para Joan Scott, “o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88). Ou seja, o primeiro motivo que move a não aceitação a Mariana Alcoforado enquanto autora é a questão de gênero, é o lugar que se é atribuído às mulheres: a vida privada, o lar, a fragilidade. Eis outro ponto pertinente: até os que atribuem à autoria a Mariana Alcoforado se direcionam a questão de gênero.

Para ilustrar esse raciocínio, vejamos o que Moisés (2008) comenta:

Ao longo das missivas, a epistológrafa mergulha cada vez mais num jogo dilemático, paradoxal, como pede a típica psicologia feminina e a própria essência do Barroco: de um lado, o anseio de esquecer definitivamente o perjúrio, visto não merecer mais que desprezo e indiferença - é o aspecto racional; de outro, a súplica que nasce do mais fundo de si própria, visceral, para que ele volte ou ao menos escreva, a fim de permanecerem os tormentos agrídoces provocados por sua lembrança, ao mesmo tempo desejada e odiada - é o aspecto sentimental, carnal. (p. 133)

Na perspectiva do autor, nota-se sua visão atrelada ao pressuposto da diferença “natural” de sexos (SWAIN, 2009), existe um olhar de subalternização a condição de mulher. É importante mencionar que o autor acredita em Mariana Alcoforado como autora das cinco cartas, porém acredita pela maneira como se dispõe os afetos confessados na escrita, como se

o dramático estivesse diretamente associado ao feminino. Tomando como exemplo a citação acima, evidenciamos a reafirmação dele enquanto **a epistológrafa** como nos exemplos a seguir: “a tensão dramática e eloquente que a missivista imprime às suas confissões [...]”. (p. 134); “Escritas por uma mulher, que alcança dizer com rara precisão os transe íntimos [...]” (p. 134); “As *Cartas de Amor* de Sórora Mariana [...]” (p. 134)

É perceptível a inferiorização do sexo feminino predominante nas cartas, como podemos visualizar: “Conjuro-te a que me dê socorro, a fim de que vença a fraqueza do meu sexo e acabe com todas as minhas indecisões por um ato de verdadeiro desespero.” (ALCOFORADO, 1997, p. 34); “Poderias punir-me com severidade e usar do teu poder.” (idem, p. 41) Percebemos, assim, o discurso patriarcal a qual ela se submete a vontade do masculino, do seu amado à medida que rebaixa o sexo feminino a fraqueza. Guillaumin *apud* Swain (2009, p. 398) comenta:

Assim, as características físicas das mulheres, ou dos dominados em geral, são vistas como *causa* da subordinação, velando-se os mecanismos e os pressupostos que criam a representação social de inferioridade e a própria subordinação.

Notamos que o lugar social de inferioridade atribuída ao sujeito feminino ocorre por meio da construção dos discursos normativos e excludentes. A partir dessa análise, o que se tentou foi estabelecer conexão entre autoria e gênero, bem como compreender, por meio de sua escrita, as circunstâncias que rodeiam a personagem Mariana, pois não poderíamos deixar de notar tal empreendimento, entretanto, questionamos: é preciso ser mulher para sofrer de amor? E se for Guilleragues que tenha escrito, teria ele sofrido de amor e transformado em texto para esconder sua “condição-homem”? Se for esse o caso, também percebemos a construção da violência simbólica (BOURDIEU, 2010) no sentido de que não só as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade.

Caminhando pelas calçadas da Inglaterra, Virginia Woolf (2014) percebe que a vida para os dois sexos é árdua, difícil, uma luta perpétua. As esferas que se criam em torno do sexo masculino é a construção de uma virilidade e ao mesmo tempo de violência, e, dessa forma, “reconstrói-se assim, sem cessar um imaginário social de dominação, onde o masculino se impõe pela sua própria definição” (SWAIN, 2009, p. 391) A partir dessa reconstrução que se estabelece o binarismo de inferioridade e superioridade.

Mariana continua: “O orgulho típico do meu sexo não serviu de nada quando se tratou de tomar partido contra si”. (idem, p. 57). Contudo, não se pode considerar se foi um homem ou uma mulher que escreveu as CP pela forma de escrita, pois, segundo Barthes (2004):

Será para sempre impossível sabê-lo, pela boa razão de que a escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve. (p. 1)

Ou seja, na escrita o(a) autor(a) não tem nome, não tem voz, não tem corpo; a escrita ao invés de apresentar uma identidade propõe um novo sujeito, aquele(a) que nasce junto ao seu texto e, com ele, se transforma. Dessa forma, “O ato da escrita [...], é um exercício de paixão, queda e ascensão: morte cruenta do sujeito enquanto pensamento para a sua ressurreição como verbalização, expressão do inexprimível” (VALENTIM, 2006, p. 14). Em contrapartida a este pensamento, Watthier (2010) sublinha:

[...] o estilo é compreendido como a individualidade, a identidade de seu autor, sua visão de mundo, porém atravessado socialmente. Por ser assim, está ligado à cultura do local e da época em que foi produzido, ou seja, ao conteúdo temático. Nessa perspectiva, a língua, a cultura e a identidade são indissociáveis entre si. Seguindo as concepções bakhtinianas, a língua é representante e constituinte da realidade, identificada no estilo do autor. (p. 42)

A autora, seguindo a corrente bakhtiniana, acredita que o estilo está conectado com sua identidade, com suas experiências temporais, espaciais e culturais. Sendo assim, nessa perspectiva, o estilo das CP estaria em conexão com seu período de publicação, representando a dualidade do período barroco: sagrado e profano. Mas, para Barthes, o autor entrega-se a sua morte quando a escrita começa.

2.1. MEU AMANTE, MEU SAGRADO

Mariana faz do seu amante seu sagrado: “Seu amante torna-se o sagrado que a move e demove.” (LIMA, 2014, p. 151) Durante as cartas é comum o uso de palavras que, geralmente, no mundo ocidental cristão associamos a religiosidade bíblica, como, por exemplo, sacrifícios, compaixão, adoração, inflamar, etc. Carlos Aparecido (2002) advoga que:

Da mulher freira, a sociedade esperava e determinava que fosse penitente e reclusa, devotando sua vida às preces. No entanto, Sórora Mariana rompe com a tradição vigente e escreve as suas cartas de amor hoje consideradas a primeira e maior transgressão feminina realizada através da escrita. (p. 55)

Ou seja, Mariana (autora ou personagem) rompe com esses paradigmas, subverte a tradição se apaixonando desesperadamente por um homem, e a ele devota todo seu amor. Mapeamos múltiplas falas em que ela utiliza dessas palavras para dirigir-se ao seu amado. A seguir, recortamos fragmentos que ilustram este pensamento nas *Cartas Portuguesas* de Alcoforado (1997):

A) “Estou decidida a adorar-te durante toda a vida e a não ter olhos para mais ninguém” (p. 14).

B) “Antes quero sofrer ainda mais do que esquecer-te...” (p. 22)

“Amar a Deus sobre todas as coisas” é o primeiro mandamento da Bíblia, logo, seria dever enquanto condição de freira adorar a Deus que seria seu amado, bem como sofrer para súplicas e perdão ao divino, oposto ao que faz Mariana: desespera-se de amor por um homem.

E continua:

C) “E, no entanto, não me arrependo de te haver adorado e sinto-me bem feliz por me teres seduzido!” (p. 23).

D) “Adeus, adeus! Tem compaixão de mim!” (p. 25).

E) “(...) o receio de arruinar por completo o resto da minha saúde com tantas vigílias e inquietações...” (p. 30)

F) “Foi a sangue frio que concebeste o projeto de me inflamar (...)”. (p. 31)

G) “Enfureço-me contra mim própria quando penso em tudo que te sacrifiquei (...)”. (p.32)

H) “E ousa esperar que usarás de alguma indulgência para com uma pobre insensata que o não era, como muito bem sabes, antes de te amar.” (p. 35)

I) “Inflamaste-me com os teus transportes!”. (p. 40)

J) “Conheceste-me o mais íntimo do meu coração e da minha ternura (...)” (p. 43)

K) “Sim! Sinto escrúpulos, se não te dou todos os momentos da minha vida.” (p. 44)

L) “(...) sou inteiramente devotada a tudo o que te diz respeito (...)”. (p. 49)

M) “Amo-te mil vezes mais do que à minha vida, e mil vezes mais do que eu penso!”.

(P. 51)

Enquanto freira, Mariana deveria se entregar ao divino. É notável, no entanto, que seu comportamento seja inconveniente à doutrina religiosa, uma vez que se esperava que a

freira fosse reclusa, vivesse de suas preces e amor eterno ao divino, porém é sabido que essa condição mais lhe parece uma obrigação. Observemos: “Tudo o que sou obrigada a ver e tudo o que tenho de fazer por absoluta necessidade me é odioso”. (p. 44) Conforme assinala Miranda (2014, p. 8), “a rebeldia, a sensualidade, o interesse intelectual, uma personalidade excessivamente romântica e apaixonada, um corpo demasiado atraente faziam com que se encerrassem moças nas celas úmidas dos mosteiros.” Entendemos que as freiras enclausuradas no século XVII em Portugal não adentravam por espontânea vontade, mas, semelhantes à personagem de Mariana, “a monja, lançada muito jovem no convento, por despótica decisão da nobre família” (DELGADO, 1964, p. 4) Segundo o autor, na maioria das vezes, cabia à família a decisão de enclausurar meninas num convento, logo, não significa que tal decisão estivesse em concordância com a vontade das moças.

A seguir, recortamos versículos bíblicos que demonstram a forte presença do imaginário religioso nas CP de acordo com as palavras utilizadas pela personagem, e que ela mesma afirma: “A minha religião e a minha honra, faço-as consistir unicamente em te amar loucamente por toda a minha vida, já que a amar-te comecei!”. (ALCOFORADO, 1997, p. 2) Ou seja, ela deposita todo o seu envolvimento com o divino em seu amado. Vejamos, agora, fragmentos selecionados do livro⁶ cristão que ilustram a relação de Mariana com o sagrado:

- A) “E Jesus, saindo viu uma grande multidão, e possuído de íntima compaixão para com ela, curou os seus enfermos” (Matheus, 14; 14).
- B) “E, levantando-se, foi para seu pai; e, quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou” (Lucas, 15; 20).
- C) “E Jesus, respondendo, disse-lhe: vai-te, Satanás; porque está escrito: adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás”. (Lucas, 4; 8)
- D) “Deus é espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João, 4; 24).
- E) “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Romanos, 12; 1)
- F) “Quando me lembrar de ti na minha cama, e meditar em ti nas vigílias da noite” (Salmos, 63; 6).

⁶ Toda a referência bíblica tem como base na edição: **Bíblia de Promessas**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Co-edição (JUERP) Imprensa Bíblica Brasileira King's Cross Publicações. 5ª ed., 2010.

G) “Assim como o Senhor passou em vigília aquela noite para tirar do Egito os israelitas, estes também devem passar em vigília essa mesma noite, para honrar o Senhor, por todas as suas gerações.” (Êxodo, 12; 42)

Seria deselegante da nossa parte falar sobre as *Cartas Portuguesas* e não falar da ardente paixão, não falar sobre esse sentimento “insano, doido”, como diria Cordeiro (1890). Esse subcapítulo, em especial, é posto no intuito de abordamos a perspectiva de intimidade contida nas cartas, uma vez que “os romances, concomitantemente com a crise tanto dos grandes modelos explicativos quanto do engajamento político-social, voltam-se para a temática de foro íntimo” (VALENTIM, 2006, p. 17). Aqui, também discutimos a dualidade de mulher consagrada aos cultos religiosos e entregue aos prazeres da carne que é típica da época compreendida como Barroco⁷. Sendo assim, aproveitamo-nos desta nuance para nos aproximarmos da personagem narradora. Seja Mariana Alcoforado, a freira de Beja, seja Guilleragues ou nenhum desses que supostamente tenham escrito as CP, a única circunstancia que podemos identificar é que Mariana, a personagem, fez das cartas um repositório mais de si que do seu amado, como ela mesma narra: “Eu escrevo mais para mim do que para ti, e aquilo que procuro é consolar-me.” (ALCOFORADO, 1997, p. 52) Dessa forma, Mariana encontrou através da escrita uma maneira de narrar o seu estado de infelicidade, de abandono. As cartas concentram-se mais na situação da personagem narradora do que no próprio romance com o cavalheiro, sendo assim, Mariana Alcoforado é narradora de si.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim deste trabalho, somos cientes que os resultados foram se adequando de acordo com as possibilidades apresentadas diante de nós. Escrever não é uma tarefa fácil, do contrário, exige esforço, dedicação, trabalho e tempo. É nesse cenário de escrita que nos colocamos no lugar da personagem Mariana que, diante da dor, do desespero e do abandono, só lhe restou palavras no papel. Nesse momento só nos restam algumas palavras, talvez tortas, erradas, mal articuladas, mas que tentam resistir ao machismo articulado na literatura; tentamos reafirmar o nome de mulheres - digo Mariana - seja na História ou Literatura.

⁷ O autor Massaud Moisés em sua obra intitulada “A literatura Portuguesa”, situa como um período de paradoxos, na turbulência entre o religioso e o carnal. O autor afirma que o Barroco “punha-se todo o empenho em conciliar o claro e o escuro, a matéria e o espírito, a luz e a sombra, visando a anular, pela unificação, a dualidade do ser humano, dividido entre os apelos do corpo e os da alma.” MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 37. Ed. São Paulo: Cultrix, 2008, p. 111.

“Aposto que foram escritas por um homem”, disse Rousseau. Será mesmo que foram escritas por um homem? Será que o estilo das cartas revela quem é o/ autor/a? Revela se faz parte do feminino ou masculino? Barthes já nos revelou que quando a escrita começa, morre o autor. Será que estamos mais apaixonados(as) pela discussão de autoria que a própria Mariana pelo oficial francês? (LIMA, 2014) Difícil mesmo é não apaixonar-se. Perpassamos pelas práticas de leitura, pela circularidade de epístolas, pelo íntimo e referência ao sagrado nas cartas, pois tentamos abordar neste trabalho os desafios para a autoria feminina, os desafios que o feminino durante a Idade Moderna enfrenta no quesito do acesso à escrita, não excluimos a possibilidade de Mariana Alcoforado enquanto autora, visto que, os elementos de aceitação e negação quanto a autoria são consistentes.

Ser ou não ser, o solilóquio de Hamlet, repensado na possibilidade de Mariana ser ou não Mariana Alcoforado, autora das cinco cartas de amor? Eis uma questão difícil de responder. Na verdade, parece-nos que uma resposta definitiva com as atuais fontes ainda é pouco provável de se afirmar. Diríamos que a veemência em qualquer das hipóteses, ser ou não ser, pois, reiteramos não existem subsídios documentais suficientes. Entretanto, consideramos relevante problematizar a questão de gênero intrínseca a de autoria, pois, como vimos anteriormente, alegaram a incapacidade de uma mulher escrever sobre amor. A partir desse problema tentamos romper com a reprodutibilidade de ideias patriarcais. A história do masculino já é reproduzida demais, são naturalizadas nas práticas cotidianas, no senso comum e na academia. É difícil estagnar e romper com essa história contada há séculos, todavia é possível desestabilizar os discursos normativos; é possível produzir novos trabalhos que criem redes de memórias da resistência⁸. Memória de mulheres.

No final, o que restou a Mariana não foi o amor, mas indiferença que ela transformou em texto. Será mesmo que ela o amou? Houve tempo para isso? A única resposta iminente é que existe uma forte carga de afetividade envolvida nas cartas, porém quando há indiferença não há mais nada a ser sentido. A indiferença é a inexistência do sentir, é a ausência de quaisquer sinônimo de apreço pelo(a) outro(a). Seja Mariana autora, narradora ou personagem, o que nos interessa é que esse nome se tornou ícone da literatura universal, nome de uma mulher, e, portanto não permitiremos que entre no esquecimento. A defesa do lugar social de uma escritura feminina teve reapropriações nos últimos séculos. Mariana tornou-se Alcoforado para delimitar uma origem e legitimar paixões nacionalistas. Aqui procuramos outra possibilidade: no devir autora de si, constituidora de uma alteridade feminina, Sórora

⁸ Aqui fazemos menção ao texto de depoimento da professora/autora Flávia Schilling, que possui como título “Memória da resistência ou a resistência como construção da memória”. (2010).

Mariana, autora de si, personagem narradora de suas agruras é parte de um amplo e profícuo debate que começa a tomar fôlego que é a sororidade, encontrada nas personagens religiosas no convento. Pura ficção, ficção de si, ou as cartas de quem sofreu as agruras de um amor não correspondido? Difícil afirmar, o que fica é o registro de uma fé em si diante de todas as adversidades, maior que qualquer sagrado seja o do convento ou dos afetos pelo outro.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas Portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

BARTHES, Roland. **A morte do autor**. Texto publicado em: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOUDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Editora Bertrand Brasil. 2010.

BURKE, Peter. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Tradução de Luzmaria Coutinho e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: Edufscr, 2012.

CHARTIER, Roger. **As práticas de escrita**. In: ARIËS, Philippe; DUBY, Georges. (Direção). **História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes**. Organização de Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 113-158.

CORDEIRO, Luciano. **Soror Marianna: A freira portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Livraria Ferin & C.^a, 1890.

DELGADO, Humberto. **O infeliz amor de Sórora Mariana**. Ed. Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1964.

FERREIRA, Carlos Aparecido. **A mulher na literatura portuguesa: sua imagem e seus questionamentos através do gênero epistolar**. São Paulo, 2002. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-05052002.../tde.pdf

LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. **Secretários dos amantes: arqueogeneparatextomediadtradologia do sabor no romance epistolar Cartas Portuguesas**. Campina Grande, 2014.

LIMA, Telma Cristina; MIOTO, Regina Célia. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica**. Ver. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp., 2007, p. 37-45.

MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo: escritos da devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII/ Pesquisa e introdução**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014, p.7-16.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 30. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PARADINHA, Maribel. **As cartas de Soror Mariana Alcoforado: manipulação e identidade cultural**. Caledoscópio, 2006.

PEIXINHO, Ana Teresa. **As Cartas de Sóror Mariana: o epistolar como discurso da paixão**. Imprensa da univeridade de Coimbra. Biblos. Vol. 11, 2013. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35455/3/BIBLOS%20XI_cap3.pdf?ln=pt-pt>.

SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*, vol. 20, nº 2, jul/dez. 1995, p. 71-99.

SWAIN, Tania Navarro. **Todo homem é mortal. Ora, as mulheres não são homens; logo, são imortais**. In: RAGO, M.;VEIGA NETO, A. (Org.). Para uma vida não fascista. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.389-402.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org); Carla Bessanezi Pinsky (coord. De textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 401-442.

VALENTIM, Claudia Atanzio. **O romance epistolar na literatura portuguesa da segunda metade do século XX**. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

WATTHIER, Luciane. **Revisitando histórias guardadas no tempo: um olhar bakhtiniano para o gênero discursivo carta de amor**. 2010. 120 páginas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Cascavel, 2009.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 2014.